

nara roesler

carlos bunga



carlos bunga

n. 1975, Porto, Portugal

vive e trabalha em Barcelona, Espanha

Carlos Bunga cria obras de componente processual em vários formatos: esculturas, pinturas, desenhos, performances, vídeo e sobretudo instalações *in situ*, que se relacionam e intervêm no espaço arquitetónico em que se inserem.

Embora utilize frequentemente materiais comuns e despreziosos, como papelão e fita adesiva, seu trabalho envolve um grau altamente desenvolvido de cuidado estético e delicadeza, bem como uma complexidade conceitual derivada da inter-relação entre o fazer, o desfazer e o refazer, entre o micro e o macro e entre a investigação e a conclusão. Situando-se na fronteira entre a escultura e a pintura, suas obras, enganadoramente delicadas e frágeis, caracterizam-se por um intenso estudo da combinação da cor e da materialidade, ao mesmo tempo que enfatizam o aspecto performático do ato criativo.

As obras sobre papel de Bunga, intimamente relacionadas com as suas esculturas e instalações, envolvem frequentemente sobreposições, quer de elementos compositivos nas pinturas, quer de folhas de papel translúcidas nos desenhos. O resultado analítico/descritivo, como uma dupla exposição fotográfica, mimetiza a dupla experiência da memória e da imaginação subjacente à escultura.

[clique para ver o cv completo](#)

capa *Título da obra*, 0000 [detalhe]
todas as imagens cortesia do artista e Nara Roesler

exposições individuais selecionadas

- *Habitar Juntos*, Nara Roesler São Paulo, São Paulo, Brasil (2024)
- *Carlos Bunga: Performing Nature*, Centre d'Art Bomba Gens, Valencia, Espanha (2024)
- *Reassembling Spilt Light: An Immersive Installation*. Sarasota Art Museum, Sarasota, EUA (2023)
- *Against the extravagance of desire*, Palácio de Cristal, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid, Espanha (2022)
- *Something Necessary and Useful*, Whitechapel, Londres, Reino Unido (2020)
- *Carlos Bunga, Architecture of Life*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2020)
- *Capella, La Capella dels Àngels*, Museu d'Art Contemporani de Barcelona (MACBA), Barcelona, Espanha (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Coreografias do impossível*. 35ª Bienal de São Paulo, Brasil (2023)
- *Meia Noite*, Bienal de Coimbra, Coimbra, Portugal (2021)
- *Gigantisme*, Pôle d'Art Contemporain de Dunkerque, Dunkerque, França (2019)
- *Quote/Unquote*. Entre apropriação e diálogo, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2017)
- *The State of the Art of Architecture*, Bienal de Arquitetura de Chicago, Chicago, EUA (2015)

coleções selecionadas

- Fundação Serralves, Porto, Portugal
- Hammer Museum, Los Angeles, EUA
- Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Museu d'Art Contemporani de Barcelona (MACBA), Barcelona, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Detroit, EUA
- Coleção Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Pérez Art Museum, Miami, EUA
- The Museum of Modern Art MoMA, Nova York, EUA

4	nomadismo
9	cidade
13	desenhos
14	ruínas e fragmentos
16	superfície
23	intento de conservação
25	habitar el color
30	espaço
41	ação
44	dimensão coreográfica

nomadismo

Bunga define-se como “nômade”, um cidadão do mundo, um palimpsesto de culturas, um ser planetário. O nômade estabelece múltiplas formas de relacionamento que questionam as hierarquias estabelecidas. Longe do consenso, ele habita a contradição, pois é poroso, e a sua atitude de abertura faz com que esteja sempre em permanente processo de transformação longe de querer instaurar novas retóricas. A condição de refugiado e migrante é inerente à sua história familiar, mas o migrante fica forçado num contexto de domínio: domínio do seu corpo, das suas rotas, do seu desapego, das suas habitações.



Nómada XII, 2008
lápiz, recorte de revista e
fita adesiva sobre papel
43,2 x 35,5 cm



O Nômade é recorrente na poética de Bunga; Representações de corpos humanos com extremidades animais que se fundem com arquiteturas, enfatizando o fato de o artista compreender a arquitetura como resultado das relações humanas, não-humanas, e por vezes desumanas, como acontece nos trabalhos da série *Homeless*.

Arquitetura Humana II, 2014
tinta, lápis, e
fita adesiva sobre papel
40,5 x 29,8 cm

→
Homeless #1, 2021
tinta acrílica sobre
impressão cromogênica
30 x 40 cm





Em *Minha Primeira Casa foi uma Mulher*, Bunga apresenta um desenho de uma mulher grávida, cuja cabeça é uma casa. Essa mulher representa a própria mãe do artista, refugiada em Portugal durante a guerra de independência de Angola, ao final da década de 1970. Mesmo deslocada de seu país, de sua cultura e de muitas de suas referências materiais, trouxe consigo sua família e seu próprio corpo, no caso, o ventre, que serviu como abrigo para uma criança.

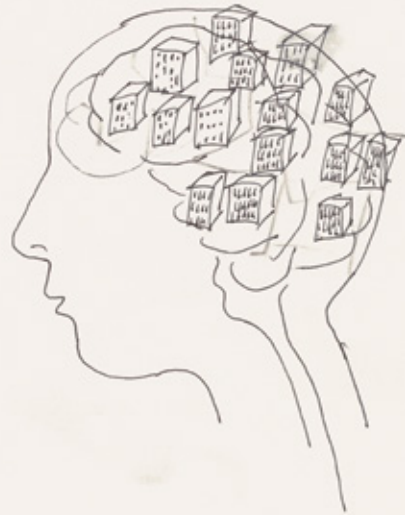
←
Homeless #2, 2021
tinta acrílica sobre
impressão cromogênica
30 x 40 cm

*A minha primeira casa
foi uma mulher*, 1975, 2018
tinta e lápis sobre
papel vegetal e papel



cidade

“No meu processo de trabalho sinto-me mais próximo de um pássaro construindo seu ninho do que de um arquiteto. Não possuo o conhecimento acadêmico em relação à arquitetura, mas sim o conhecimento e a intuição que emergem da experiência de criar instalações com as mãos que dialogam com os espaços. Do saber a partir da curiosidade, da vontade de aprender adquirida pela observação, repetição e sobretudo o erro. Procuo compreender o mundo a partir de experiências acumuladas, do *sentipensar*, e isso me conecta com os não humanos, natureza e animais.”



A arquitetura é elemento central da poética de Carlos Bunga, entendida não somente como mero veículo formalista, mas como um campo do conhecimento que tem como objetivo primordial abrigar pessoas, mas ao mesmo tempo também agrupa, classifica, atomiza e homologa os seus cidadãos. São espaços pensados como palco de relações humanas, carregados de afetos, novos encontros e memórias em constante cambio e tensão. Dessa maneira, tanto a arquitetura quanto a cidade fazem parte da poética do artista. Seu interesse, todavia, reside muito mais no aspecto “vivo” das mesmas: efêmero, mutável e dinâmico, tal qual as pessoas que nelas habitam.

Metamorphosis (2010), mostra todos os estágios de evolução de um girino, até que o mesmo complete o ciclo e se transforme em um sapo. Sob as costas do anfíbio, são mostrados agrupamentos urbanos, que juntamente com o animal, vão evoluindo e se tornando mais complexos.



Metamorphosis, 2010
tinta e grafite sobre papel
37 x 29,5 cm





A crescente gentrificação das cidades e a ênfase na lógica de valoração mercadológica em detrimento do bem estar de seus cidadãos é algo que também interessa a Carlos Bunga. Em 2009, o artista insere, em meio a um desenho que faz de um conjunto de edifícios, uma pilha de pães, enfatizando a noção de que o espaço urbano é visto como mercadoria, algo quase sempre visado para um consumo imediato e predatório.

A crítica, por vezes com teor sarcástico, aparece também em *Architecture* (2006), no qual um conjunto de indivíduos definidos por poucos traços urinam sobre a palavra “Arquitetura”.

desenhos

Para Carlos Bunga, o desenho é um suporte que serve como potencializador de ideias e pensamentos, é um espaço democrático de liberdade, no qual o artista pode projetar novos universos. Com gestos simples e econômicos, seus desenhos apresentam uma grande variedade de temas e sensações. Nas palavras da crítica Inês Grosso: “o desenho é para ele uma linguagem conceitual e também um ato meditativo, político e espaço para uma crítica particularmente enérgica. Os seus desenhos representam uma tentativa de extrair e explorar pensamentos, ideias, inquietudes, emoções e memórias escondidas ou reprimidas (...) dessa forma, seus desenhos não são um meio para se atingir a um determinado fim (...) converteram-se em um espaço de liberdade, sem os constrangimentos funcionais e arquitetônicos que o espaço determina”.



ruínas e fragmentos

Elemento frequente no trabalho tridimensional de Carlos Bunga são as ruínas e fragmentos daquilo que parecem um dia ter sido um espaço completo. Nas palavras do mesmo: “os objetos apresentam-se quase sempre num estado fragmentado, em processo de decomposição, no qual existe sempre uma parte que falta. São estruturas que abordam a ausência, o vazio ou restos que reforçam outras noções, como a força da sugestão e a potencialidade.” Empregando materiais de natureza precária, como papelão, compensado de madeira, cola e fita adesiva, o artista constrói fragmentos de espaços e arquiteturas atravessados pela passagem do tempo, deixando por conta da livre imaginação do espectador uma eventual visão do todo.

Planos Verticales
Entrecruzados, 2010
papelão, tinta e madeira sobre
pedestal de mármore de Carrara
76,5 x 42 x 120 cm



Suspended Frames, 2020
tinta látex e cola sobre moldura
169 x 36 cm



Absence # 4, 2010
acrílico e aço sobre madeira
13,5 x 22 cm

superfície

Embora tenha se formado como pintor na universidade, a bidimensionalidade desse suporte rapidamente frustrou o artista. Nas palavras do mesmo: “A minha formação é como pintor, estudei pintura na universidade, mas tenho problema com a pintura porque a bidimensionalidade do suporte é muito frustrante para mim. É uma frustração que vem do fato de eu precisar sempre pensar e trabalhar o espaço, isto é, de não estar apenas na superfície da pintura, mas de romper essa superfície e estar lá dentro”.





Uma de suas primeiras empreitadas pictóricas, visando contornar essa frustração, foi a realização de intervenções pictóricas em edifícios arruinados, apontando assim para seu interesse pela arquitetura. Conforme depoimento do mesmo, a experiência acabou soando como um “ready-made ao contrário”, dado que, ao invés da apropriação de elementos locais, era o ambiente que se apropriava de sua intervenção, que acabava sendo “engolida” pelo local onde se inseria.

Seu principal “suporte” pictórico, muitas vezes, é o cartão. Material que evoca a simplicidade, a precariedade e altamente descartável, é também extremamente resistente e utilizado na confecção de caixas, embalagens e invólucros. Nas palavras da curadora Iwona Blazwick: “este material humilde, mas versátil, oferece a Bunga a possibilidade de definir uma zona entre a pintura e a escultura, onde manipula as suas qualidades associativas de envolvimento, proteção e efemeridade”.

Untitled - Model #13, 2002
látex e fita adesiva sobre cartão

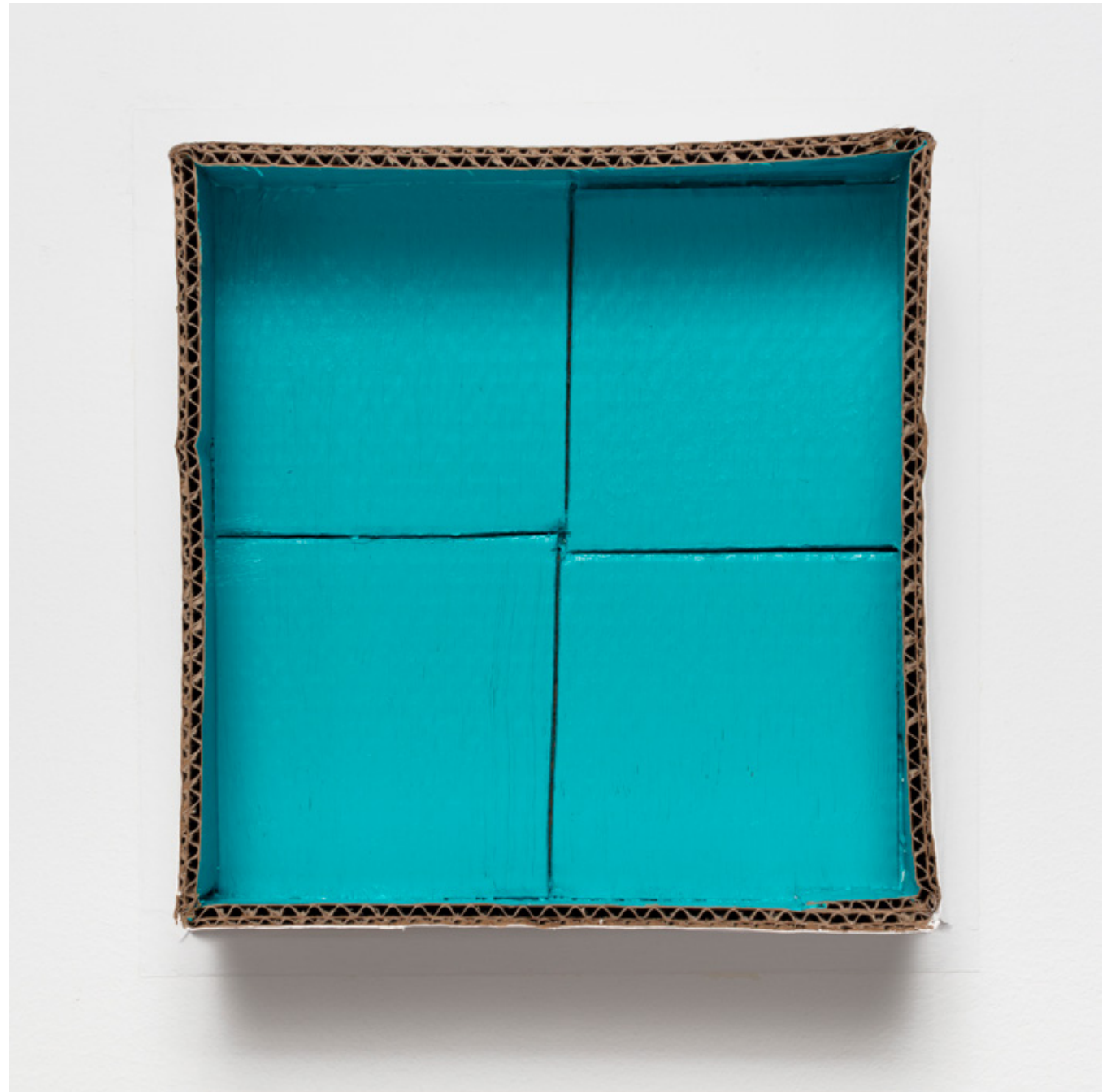
→
Three legs coffee table, 2020
látex, cola e papelão sobre mesa
94,5 x 58,5 cm



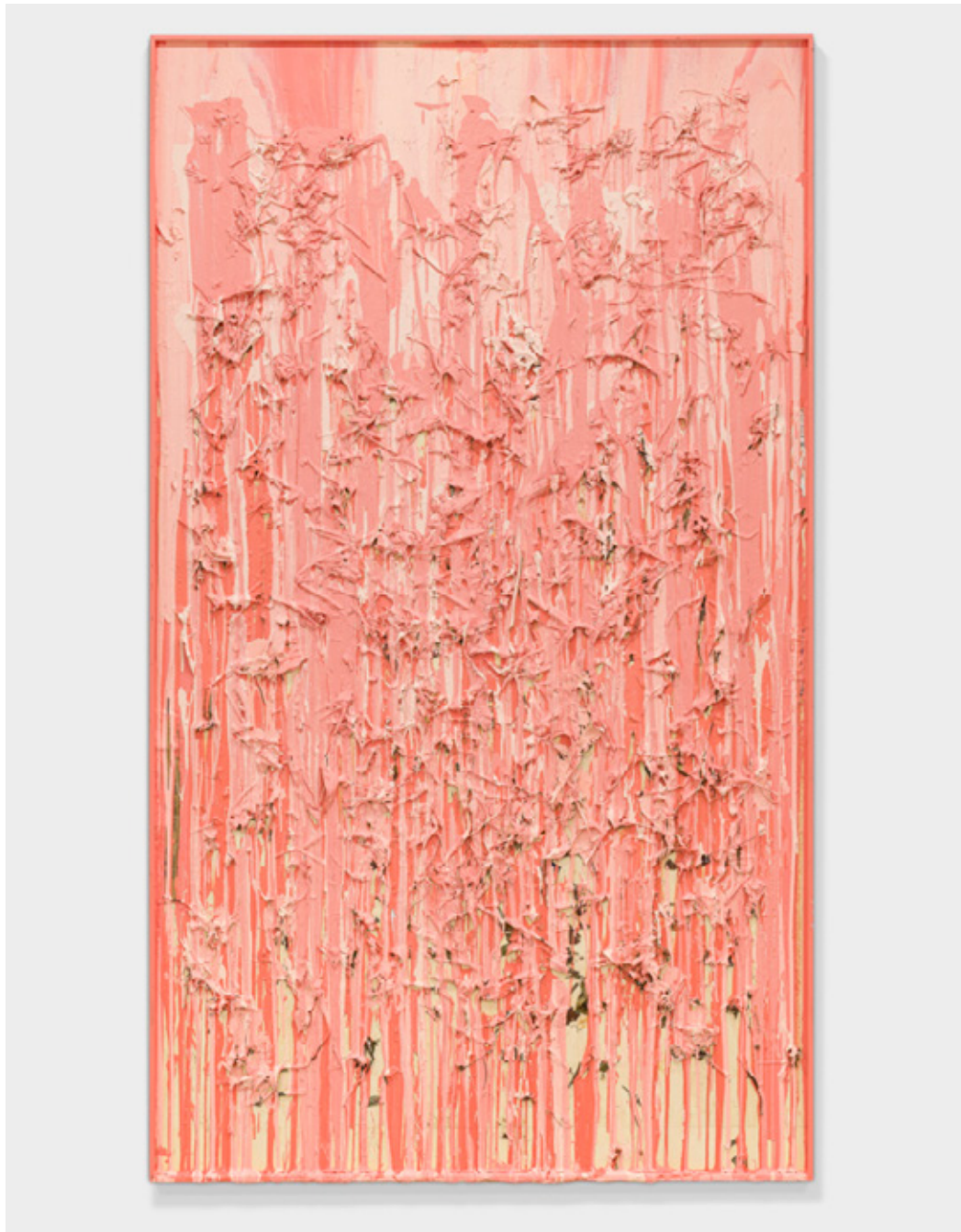
O uso das cores também é um elemento que chama a atenção no trabalho de Bunga. Embora por vezes extremamente luminosas e vibrantes, como nas fachadas da arquitetura vernacular, sua aparência é muitas vezes descontínua, gasta, craquelada, com um gesto que evoca o inacabado e o transitório.

Intersection Series #2, 2015
látex e cola em papelão e madeira
25,4 x 24,4

→
Landscape #2, 2017
látex e cola em papelão e madeira
200 x 150 cm







Ainda que fuja da bidimensionalidade, a investigação pictórica acaba sendo a base de seu trabalho: “a pintura está, direta ou indiretamente, presente em todos os meus trabalhos. é a base do meu pensamento, um lugar multifacetado cheio de camadas, perspectivas e cheiros”. Complementa também que seu suporte é como se fosse uma espécie de “pele”, que: “contém uma infinidade de entropias, de caos (...) criando a sensação de que os nossos olhos se transformam em lentes de um microscópio através das quais vemos, muito de perto, uma superfície onde podemos observar as imperfeições do espaço”.

Construccion Pictorica
Naturaleza #18, 2023
cola PVA, tinta látex e folha seca
sobre compensado
260 x 150,5 cm

→
Novos mapas #2, 2023
cola PVA, tinta látex sobre tapete,
madeira e parafusos
61 x 89 x 1,5 cm





intento de conservação

A obsessão da civilização ocidental com a conservação de espaços, monumentos e estruturas é alvo da investigação de Bunga nesse trabalho, realizado em diversas ocasiões nos espaços expositivos em que trabalhou. Para ele, uma das características centrais da civilização é o controle da entropia. Assim, se valendo de estruturas museológicas, como vitrines e armários, insere sobre os mesmos suas estruturas de papelão e fita adesiva, por vezes pintadas de forma desigual, apontando para a necessidade humana de eternizar o perecível.

intervenção realizada na
Capella MACBA, Barcelona, 2015

intervenção realizada no Museo
Amparo, Puebla, México, 2014



habitar el color

Desenvolvido pelo artista em 2015 na ocasião da exposição *Desplazamientos psíquicos* no Museo de Arte de la Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, e realizado em mostras seguintes, como *Performing Nature*, no Bomba Gens, Valência, e na 35ª Bienal de São Paulo, *Habitar el Color* consiste em um trabalho no qual o artista se apropria do principal elemento da pintura, a cor, e busca trazê-la para o âmbito tridimensional, arquitetônico e, como o próprio título sugere, doméstico. Se na pintura tradicional a cor é um elemento a ser apenas visualizado, aqui uma grossa camada de tinta é espalhada pelo chão do espaço expositivo e o espectador é convidado a percorrê-la, senti-la, e ela também, na relação direta com aqueles que a percorrem, se transforma e deforma, se mostrando aqui em sua mutabilidade. Trata-se de um trabalho com forte componente sensorial.





site specific realizado no Vienna
Secession, Viena, Áustria, 2021





site specific realizado no
Museo de la Universidad Nacional
de Colombia, Bogotá, 2015





espaço

Parte expressiva da poética de Carlos Bunga é composta por trabalhos em site-specific. Convidado para realizar exposições em museus, galerias e instituições, ao construir esses trabalhos, que dialogam intimamente com a arquitetura em cuja qual serão instalados, o artista não trabalha com desenhos ou projetos prévios, os construindo de maneira intuitiva e, em suas palavras: “baseado em uma relação de confiança” com as instituições que o propõe. Os materiais empregados aqui são aqueles característicos de seu trabalho em pintura expandida, como papelão e fita adesiva. Se muitas vezes o exterior desses edifícios acentua qualidades como solidez e permanência, nesses trabalhos o que Bunga busca salientar, por meio dessas intervenções em seus interiores, é justamente o oposto: a efemeridade, a fragilidade e a finitude da experiência arquitetônica, que nada mais é do que apenas um tipo de relação humana.

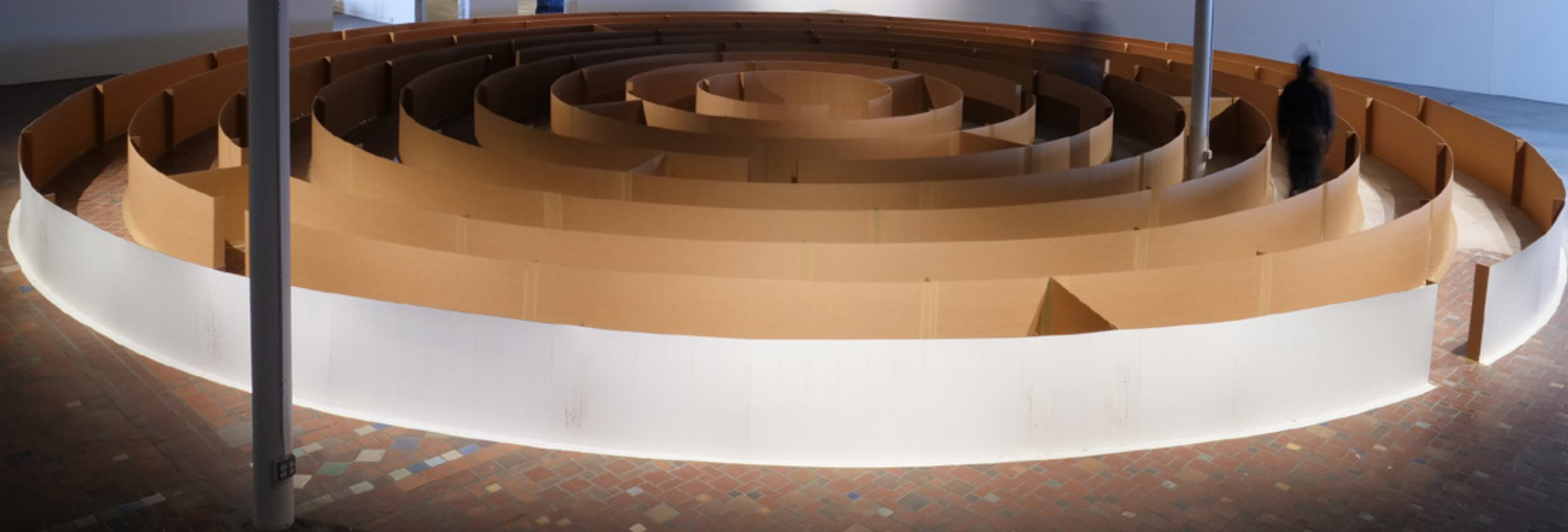


site specific realizado no Palácio de
Cristal, Madrid, Espanha, 2019

site specific da exposição
Desterritorialización, 2013
Galeria Casas Riegner
Bogotá, Colombia



site specific da exposição
Doubled Architecture, 2020
Museum of Contemporary Art
Detroit, EUA



CARLOS BUNGA
DOUBLED
ARCHITECTURE

CARLOS BUNGA
DOUBLED
ARCHITECTURE

De acordo com o próprio: “No meu processo de trabalho tento manter uma relação física e mental com o próprio espaço; envolto na sua história tento criar novos entendimentos sobre a herança do passado. A questão da permanência e da não permanência é uma relação contraditória que existe na obra e que faz parte da sua estrutura. Esta relação gera significados mais abertos e ambíguos que possibilitam um processo constante de questionamento sobre uma ideia de espaço que parece apenas ser real nas relações espaciais com os objetos e como construção mental das pessoas.

Por isso, interessa-me a ideia de casa ou de cidade; lugares com uma grande capacidade para influenciarem o nosso cérebro, condicionarem os nossos movimentos e de se tornarem parte integrante do seu ecossistema, onde os nossos corpos se inserem numa paisagem urbana e num conjunto associado de tecidos. Olho para a cidade como uma maquete completamente manipulável e moldável. Como parte dela, penso que somos muito vulneráveis”.

site specific
*I Always Tried to
Imagine my Home, 2022*
Schirn Kunsthalle Frankfurt,
Alemanha





vista da instalação na exposição
Capella, 2015
Capella dels Àngels
Barcelona, Espanha





vista do site specific
Mausoléu, 2012
Pinacoteca do Estado
de São Paulo, Brasil



site specific realizado no
Museo de la Universidad Nacional
de Colombia, Bogotá, 2015

vista do site-specific
Desterritorialización, 2013
Galería Casas Riegner,
Bogotá, Colombia





ação

Dado que muitos de seus trabalhos em site-specific são construídos de materiais precários e têm o período de duração de uma exposição, o processo de produção, pesquisa e documentação dos mesmos é fundamental na poética do artista, o que inclui as ativações. Por seu interesse na arquitetura enquanto veículo efêmero, empregando dessa forma materiais precários e frágeis como o papel cartão e a fita adesiva, ao realizar suas estruturas em espaços expositivos, executa performances relacionadas às mesmas que vão no sentido de o artista desmontar aquilo que está construído, arrancando as peças e estruturas, deixando ora os escombros das mesmas espalhados, ora apenas alguns poucos vestígios, como se fosse uma ruína. Esse tipo de ativação não somente discute a fragilidade da vida urbana contemporânea como também aponta para o elemento temporal, dado que o trabalho vai se transformando com o decorrer do tempo.

registro da performance
realizada no site specific
*Against the Extravagance
of Desire*, 2022
Palácio de Cristal,
Madrid, Espanha

registro da performance
realizada na exposição
I Always Tried to
Imagine my Home, 2022
Schirn Kunsthalle
Frankfurt, Alemanha





registro da performance
realizada na exposição
Performing Nature, 2022
Bomba Gens Centre D'Art,
Valência, Espanha

dimensão coreográfica

Uma das maneiras com que se relaciona e transforma as estruturas e ambientes que constrói é por meio da performance. Em *Something Necessary and Useful*, exposição que realizou na Whitechapel em Londres, 2020, em função da pandemia de COVID-19, não pode estar presente na performance em que interviria sobre a estrutura montada em papel cartão. Deste modo, realizou uma parceria com o bailarino Dane Hurst, bem como com a equipe técnica da instituição: ambos desconstruíam e interagiam com a construção, que foi parcialmente desmontada ao longo da ação, filmada e editada por Bunga ao lado da cineasta Eva Herzog. Da parceria, surgiram dois trabalhos distintos e interligados: *From a Space of Circulation to One of Freedom I and II*, que mostram tanto a interação do bailarino com a parte intacta, quanto o desmantelamento da outra. Bunga colaborou com outras bailarinas e coreógrafas na exposição *A Sudden Beginning* no MoCA Toronto (2020) ou em *Performing Nature* (2023) em Bombas Gens, Valencia.

espetáculo realizado durante a exposição *Something Necessary and Useful*, 2020 Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido





nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art